

DOSSIÊ: PORTUGUÊS E OUTRAS LÍNGUAS DE HERANÇA
ARTIGO ORIGINAL

Olimpíadas do Português como Língua de Herança: relato de experiência e desafios

The Olympics of Portuguese as a Heritage Language: experiences and challenges

Andreia Sanchez Moroni¹, Miriam Müller Vizontini², Luzia Miya Tanaka³, Regina Pierantoni McCarthy⁴

¹ Universidad Internacional de La Rioja – andreia.sanchez@unir.net

² Associação Brasileira de Educação e Cultura (ABEC) – info@abec.ch

³ Projeto Construir ARTEL – tanaka_774@hotmail.com

⁴ Consulado-Geral do Brasil de Nova York; United Nations International School – repieram@gmail.com

Como citar o artigo.

MORONI, A. S.; VIZENTINI, M. M.; TANAKA, L. M.; MCCARTHY, R. P. Olimpíadas do Português como Língua de Herança: relato de experiência e desafios. *Revista Horizontes de Linguística Aplicada*, ano 22, n. 2, p. DT2, 2023.

Resumo

O presente artigo busca contextualizar as I e II Olimpíadas do Português como Língua de Herança (OPLH), um concurso cultural promovido pelo governo brasileiro em 2021 e 2022 para crianças e adolescentes de origem brasileira de até 15 anos de idade em vários pontos do mundo, como parte das políticas públicas para o Português como Língua de Herança (PLH) recentemente impulsionadas pelo Brasil. Apresenta-se um relato das experiências, o qual discorre sobre: (i) o engajamento da comunidade em participar; (ii) os desafios de elaborar as provas diante das heterogeneidades características do PLH; (iii) como a ideia de ser avaliado em PLH é recebida pela comunidade; e (iv) os ajustes feitos entre a primeira e a segunda edição. A discussão se estrutura a partir de dados destas experiências em quatro localidades: o âmbito geográfico de atuação dos Consulados do Brasil em Barcelona (Espanha), Zurique (Suíça), Nagoia (Japão) e Nova York (EUA). Conclui-se que, apesar de as OPLH terem tido inicialmente um caráter avaliativo e classificatório, servem como instrumento não apenas de medir conhecimentos, mas como um processo que provoca novas oportunidades de aprendizagem para os participantes, a valorização de seus saberes e a possibilidade de construir pertencimento ao universo brasileiro da diáspora.

Palavras-chave: Políticas linguísticas. Português como Língua de Herança. Avaliação em Português como Língua de Herança. Olimpíadas do Português como Língua de Herança.

Abstract

The following article seeks to contextualize the first and second editions of the Olympics of Portuguese as a Heritage Language (*Português como Língua de Herança*, OPLH), a cultural contest promoted by the Brazilian government in 2021 and 2022 for children and adolescents of Brazilian origin, up to 15 years of age. The contest took place in several regions of the world as part of the public policies for Portuguese as a Heritage Language (PLH) recently promoted by Brazil. This article is an account of the experiences,

Fonte de financiamento: Nenhuma.

Conflito de interesse: Não há.

Recebido em: 29 Jan 2023. Aceito em: 26 Jun 2023.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution Non-Commercial No Derivative, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que sem fins comerciais, sem alterações e que o trabalho original seja corretamente citado.

<LicensePa

and it addresses the following: (i) community engagement; (ii) the challenges of designing the assessment materials in the face of the heterogeneity that is characteristic of PLH; (iii) how communities respond to the idea of assessing the contestants' performance in PLH; and (iv) the adjustments made between the contest's first and second editions. The structure of this discussion is based on data from these experiences in four locations, as follows: the geographical coverage of the Consulates of Brazil in Barcelona (Spain), Zurich (Switzerland), Nagoia (Japan) and New York (USA). It is concluded that, despite their initial evaluative and qualifying nature, the OPLH serve not only as an instrument to measure knowledge, but also as a process that fosters new learning opportunities for the participants, validates their knowledge and has the potential to build a sense of belonging to the Brazilian diaspora universe.

Keywords: Language policies. Portuguese as a Heritage Language. Assessment in Portuguese as a Heritage Language. Olympics of Portuguese as a Heritage Language.

1 INTRODUÇÃO

Como é sabido, o universo do Português como Língua de Herança (PLH) está composto por grupos que se deslocam de espaços nos quais o português é língua majoritária e oficial para outros onde passa a ser língua minoritária, entrelaçando aqueles que emigraram e seus descendentes. Embora este universo possa estar composto por origens lusófonas variadas, quando se trata de promover o PLH, em termos de políticas públicas, podemos ter aquelas desenvolvidas pelos países receptores de imigração, como ocorre na Finlândia (PIIPPO, 2016), Áustria (RINGHOFFER; BOLACIO FILHO, 2020) ou Suíça (SUÍÇA, 2013), ou pelos países dos quais essas migrações se originam, por exemplo, Brasil ou Portugal. Este estudo centra-se em analisar uma das ações anuais promovidas pelo Brasil, as I e II Olimpíadas do Português como Língua de Herança (OPLH), em 2021 e 2022, como parte de políticas que vêm se estruturando especificamente para o PLH no contexto da diáspora brasileira nos últimos anos.

O cenário do PLH brasileiro se caracteriza por uma forte atuação comunitária (MORONI, 2021; BRASIL, 2021b). Desde a década de 2000, os projetos comunitários de PLH proliferam (MORONI, 2015), e suas demandas se veem refletidas na atuação do Conselho de Representantes de Brasileiros no Exterior (CRBE), fundado em 2008, o qual representa os Conselhos de Cidadãos e de Cidadania que atuam mundo afora no âmbito geográfico dos Consulados do Brasil. Os projetos de promoção do PLH geridos pela comunidade brasileira atuam em formatos variados, como os de sessões de narração de histórias, oficinas artísticas ou encontros para brincar, e o formato de aulas, mesmo bastante difundido, não é o mais frequente (BRASIL, 2021b).

Como resultado da construção de políticas públicas do governo brasileiro que atendam a comunidade brasileira no exterior, pode-se observar que o PLH vem ganhando protagonismo e começa a contar com políticas próprias (MORONI, 2021). Um marco, nesse sentido, foi a publicação da *Proposta curricular para o ensino de português como língua de herança* (BRASIL, 2020), de acesso livre e gratuito, que responde a demandas de educadores por mais apoio a suas atividades. Flexível e adaptável às especificidades de cada contexto de ensino de PLH, em função da língua e cultura local, é uma publicação com impacto global: da série de propostas curriculares para o ensino de português no exterior publicadas, é "a que apresenta o mais alto número de descarregamentos entre os volumes da coleção". (BRASIL, 2021b, p. 309).

Após a publicação desse material, o governo brasileiro, por meio do Ministério de Relações Exteriores (MRE), lançou uma nova ação, concebida como um concurso cultural, que extrapolou a atuação institucional e se apoiou na rede de Conselhos e projetos de PLH já existentes para estruturar-se: as OPLH. Realizadas em diferentes lugares do mundo, em edições regionais no âmbito das representações diplomáticas (Consulados ou Embaixadas)¹, seus objetivos se anunciaram como:

¹ Segundo informações da Mesa de Educação do CRBE em 2021, a intenção do MRE era de que a própria Mesa de Educação coordenasse e fosse a responsável pela realização das OPLH. Como o CRBE funciona com trabalho voluntário, não dispunha de recursos humanos suficientes, de modo que a execução ficou a cargo do MRE.

Incentivar o interesse de crianças e adolescentes brasileiros no estudo da Língua Portuguesa, do Brasil e da sua cultura.
Contribuir para a valorização da Língua Portuguesa e o fortalecimento da identidade nacional entre os estudantes.
Fomentar a difusão da língua portuguesa como língua de herança e ampliar a cooperação com as associações brasileiras que atuam na área. (CONSULADO-GERAL DO BRASIL EM BARCELONA, 2021).

Em linhas gerais, na primeira edição, em 2021, a decisão de quais postos participariam foi tomada internamente pelo MRE, considerando fatores como expressividade da comunidade brasileira ou capacidade do posto para assumir o projeto, o que deixou de fora regiões com histórico de ativismo na promoção do PLH, a exemplo de Reino Unido e Alemanha. O CRBE teve grande protagonismo na promoção das OPLH junto à comunidade e aos Conselhos, atuando junto ao MRE, como registra a *live* informativa em que participaram a então coordenadora da Mesa de Educação do CRBE, Selma Ferreira, e o representante do MRE, Paolo Torrecuso (CRBE, 2021).

Como pautas do MRE a serem seguidas em cada OPLH regional estavam: a divisão dos participantes em duas categorias (9-12 e 13-15 anos); a realização do concurso em duas etapas (uma prova de múltipla escolha na primeira etapa e uma redação na segunda, cujo tema seria fornecido pelo MRE²); e a premiação dos melhores colocados em cada categoria (havendo recursos financeiros do MRE para a premiação). Houve, ainda, o pagamento de pró-labore aos profissionais responsáveis pela elaboração e correção das provas, e era necessária a parceria com um projeto de PLH local. As pautas previam que o concurso fosse adaptado às especificidades locais, por exemplo, na elaboração da prova por alguém que conhecesse o perfil dos participantes e suas relações entre línguas-culturas.

A partir dessas disposições iniciais, e numa interlocução em que participaram não só os projetos de PLH coorganizadores, mas alguns Conselhos de Cidadãos e de Cidadania dos postos onde se realizariam as I OPLH em 2021, surgiram novos questionamentos que ajudaram a amadurecer a proposta e foram adaptados localmente por cada comissão organizadora, por exemplo:

- É justo colocar na mesma categoria participantes recém-chegados do Brasil e aqueles nascidos no local?
- É adequado realizar um concurso e promover a concorrência entre crianças e jovens como estratégia de promoção do PLH?
- Se a escrita ainda for um desafio no contexto, que formato de prova poderia ser proposto?
- Como avaliar conhecimentos de língua e cultura num universo tão heterogêneo, do qual participam crianças e adolescentes que *são* e *não são* alunos de projetos de PLH?
- As OPLH devem ser realizadas em modalidade *on-line* ou presencial, considerando ainda os efeitos da pandemia por Covid-19 e os prós e contras de cada formato?

Com intenção de registrar a experiência das I e II OPLH, em 2021 e 2022, discutir resultados e encaminhamentos, apresentamos, a seguir, considerações sobre elas em quatro lugares do mundo: Barcelona (Espanha), Zurique (Suíça), Japão e Nova York (EUA). Observa-se que as autoras participaram na comissão organizadora das OPLH dessas localidades e trazem, portanto, um conjunto de dados tratados de modo quantitativo, como demonstra o Quadro 1 a seguir, e outros de natureza qualitativa gerados pela de observação participante, ativa e situada nos processos relatados³.

² O tema de 2021 foi: "Redija um texto comentando sua relação com a cultura brasileira. A redação poderá incluir alguns dos tópicos a seguir: culinária, música, cinema e novelas, literatura, histórias em quadrinhos, dança, outros". Em 2022, o tema da redação foi livre, embora tenha sido anunciada como temática geral das OPLH o bicentenário da independência do Brasil. O tema foi explorado inclusive em oficinas preparatórias oferecidas em algumas regiões.

³ Nas I OPLH, houve a participação de 17 postos consulares (Consulado-Geral de Amsterdã, Barcelona, Boston, Genebra, Hamamatsu, Los Angeles, Miami, Nagoia, Paris, Roma, Zurique, Tóquio, Nova York; Embaixada de Bogotá,

Quadro 1. Principais aspectos das I e II Olimpíadas do Português como Língua de Herança

	Barcelona (Espanha)		Zurique (Suíça)		Nagoia (Japão)		Nova York (EUA)	
	I OPLH 2021	II OPLH 2022	I OPLH 2021	II OPLH 2022	I OPLH 2021	II OPLH 2022	I OPLH 2021	II OPLH 2022
Modalidade	On-line	On-line	Presencial	Presencial	On-line	On-line	À distância (vídeo)	À distância (vídeo)
Categoria A: 9-12 anos	Geral	Geral, aceitam-se inscrições de menores de 9 anos	Geral	Geral, cria-se terceira categoria (AA) de 4-8 anos	Geral	AI: idioma familiar: português All: idioma familiar: japonês	Geral, 8-12 anos	Geral, ajustada para 7-11 anos
Categoria B: 13-15 anos	Geral	Geral	Geral	Geral	Geral	BI: idioma familiar: português BII: idioma familiar: japonês	Geral	Geral, ajustada para 12 a 15 anos
Nº inscritos/participantes : Total Categoria A Categoria B	42/38 A: 30/27 B: 12/11	55/42 A: 40/29 B: 15/13	35/30 A: 27/24 B: 8/6	160/160 A: 69/69 B: 37/37 AA: (4 a 8 anos): 54/54	40/40 A: 33/33 B: 7/7	24/24 AI: 6/6 All: 11/11 BI: 7/7 BII: 0	17 A: 15 B: 2	23 A: 18 B: 5
Prova 1ª etapa	Múltipla escolha	Múltipla escolha	Múltipla escolha	Não houve	Oratória	Múltipla escolha	Vídeo	Vídeo
Prova 2ª etapa	Redação	Redação e vídeo	Redação	A e B: Redação AA (4 a 8 anos): Produções artísticas	Múltipla escolha 3ª etapa nacional: redação	AI e BI: redação All e BII: oratória	Não houve	Não houve
Oficina preparatória	Não	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Não	Não
Premiação	Só os três primeiros colocados	Todos os participantes	Só os três primeiros colocados	Todos os participantes, sem classificação	Só os três primeiros colocados	Só os três primeiros colocados	Prêmios aos três primeiros, brindes para todos	Só os três primeiros colocados

Fonte: elaboração própria das autoras.

Helsinque, Tel Aviv; Escritório de Representação em Ramala) e 380 crianças e adolescentes, segundo balanço do MRE. Nas II OPLH, participaram 21 postos consulares, dos quais 14 foram os mesmos das I OPLH (não participaram os consulados de Los Angeles, Paris e Roma, mas se somaram o de Xangai e as Embaixadas de Roma, Berlim, Dublin, Lima, Tóquio e Wellington). Neste artigo, levantamos informações sobre seis deles (a seção de Nagoia traz dados das três jurisdições consulares do Japão).

2 BARCELONA (ESPANHA)

A jurisdição consular de Barcelona corresponde à metade da Espanha, além do Principado de Andorra. Nela, há territórios em que, além do espanhol, o catalão ou o basco, são línguas cooficiais (Catalunha, Comunidade Valenciana e Ilhas Baleares; País Basco e Navarra, respectivamente). Como a organização local na I OPLH foi da Associação de Pais de Brasileirinhos na Catalunha (APBC), à qual se somou o projeto Oncinhas na II OPLH, ambas atuantes na Catalunha, esperava-se que boa parte dos participantes estivessem familiarizados com um contexto plurilíngue de espanhol e catalão, ao qual se acrescenta o português. As três são línguas românicas e, por pertencerem à mesma família linguística e derivarem do latim, apresentam semelhanças no léxico e em estruturas gramaticais, o que facilita a intercompreensão (AZEVEDO-GOMES, 2021).

Considerando os perfis linguísticos dos participantes das OPLH em cada jurisdição, a intercompreensão possível entre línguas românicas permitiria que participantes das OPLH de Barcelona pudessem, a partir de seus conhecimentos orais de português e das habilidades de leitura trabalhadas em espanhol ou catalão na escola regular, compreender leituras em português (ainda que não estivessem habituados a ler nessa língua) e realizar uma prova escrita com respostas de múltipla escolha sobre os textos apresentados.

Ainda assim, houve resistência de responsáveis adultos ao inscrever suas crianças no concurso, realizado, em 2021, em duas etapas nos dias 8 e 29 de maio e, em 2022, nos dias 23 de abril e 7 de maio. Embora várias frequentassem ou tivessem frequentado projetos de PLH, a reação inicial do responsável foi, em alguns casos, de que o filho “não sabia escrever em português”, logo, não poderia participar de uma prova. Foi necessário explicar, num trabalho muito individualizado, que as OPLH estavam concebidas especificamente para participantes com perfil de PLH; que a escrita seria necessária apenas na segunda etapa, de redação, e ia além da ortografia; que as provas seriam elaboradas levando em consideração esses aspectos, comuns a todos os participantes; e que o objetivo final era motivá-los a usar e continuar a aprendizagem do português.

Dessa forma, para a prova da primeira etapa, buscou-se desenvolver um formato que considerasse a possibilidade de transferência de competências entre as línguas do repertório linguístico dos participantes (CUMMINS, 1983), focada na leitura, com perguntas centradas na compreensão leitora, habilidade já desenvolvida na escola regular em espanhol ou catalão. Evitou-se exigir conteúdos curriculares da escola brasileira (como os das áreas de História ou Geografia), os quais os participantes escolarizados na Espanha provavelmente não teriam. Optou-se por incluir conteúdos de folclore e gastronomia, por exemplo, que, sabemos, são explorados nos projetos de PLH ou estão nas vivências familiares dos participantes. Além disso, não havia perguntas específicas sobre elementos gramaticais da língua. Avaliou-se que, com esses pressupostos, participantes nascidos na Espanha e os de emigração mais recente poderiam concorrer na mesma categoria⁴.

Os textos selecionados apresentavam uma diversidade de gêneros textuais (lenda, anúncio publicitário, texto de jornal, caso etc.). Tentavam dar conta da representatividade geográfica do Brasil e das matrizes culturais que estruturam o país – a indígena, a afro-brasileira e a europeia. Pretendia-se, ainda, que os participantes terminassem a prova com a sensação de, a partir das leituras, terem aprendido algo novo sobre o Brasil –, invertendo a lógica de que a participação nas OPLH seria para medir o que se sabe e transformando-a em oportunidade de aprendizagem.

O formato das I e II OPLH foi *on-line*, com as etapas realizadas aos sábados de manhã. Os participantes se conectaram por *Zoom* e lhes foi dado acesso à prova, criada no *Google Forms*.

⁴ As provas da I OPLH de 2021 podem ser consultadas em <https://forms.gle/NPs5pGF4kNwVLWT17> (Categoria A) e <https://forms.gle/sKEZCa22EuZaxxEy7> (Categoria B), e as da II OPLH de 2022 em <https://forms.gle/UwWAuSq7PnVjBdPs5> (Categoria A) e <https://forms.gle/6KTF952fjDDfssZj8> (Categoria B). Os pressupostos norteadores da elaboração da prova foram apresentados em *live* informativa em 12/05/2021, com intenção de apoiar outras jurisdições na realização das OPLH e esclarecer dúvidas de participantes (CENTRO CULTURAL DO BRASIL EM BARCELONA/INSTITUTO GUIMARÃES ROSA, 2021).

Na I OPLH, muitos participantes terminaram a prova da primeira etapa em meia hora (sendo o tempo máximo 1h30 para a categoria A e 2h para a categoria B). Para cumprir com o regulamento, que previa que até um terço dos candidatos passassem à fase seguinte, a nota de corte foi, sobre 100 pontos possíveis, de 93 na categoria A, e 88 na categoria B, e a média de 83,3 e 80,8, respectivamente, o que nos sugere que a prova foi fácil.

A prova de redação, que, sabemos, gerou preocupação entre alguns participantes e familiares, também transcorreu bem. Os participantes deviam escrever seu trabalho a lápis, em papel, com a câmera ligada, e enviar uma foto à organização ao concluí-lo. Todos conseguiram cumprir a tarefa, porém nem sempre com a ortografia prevista na norma. Entre os critérios de correção, a ortografia – grande preocupação dos participantes – representava 1,5 ponto, enquanto criatividade e conteúdo representavam 3 de 10 possíveis.

Na segunda edição, considerou-se mudar o formato da primeira fase para o de uma oficina – o produto da oficina seria avaliado. Aplicou-se um questionário com perguntas fechadas, respondido por 16 crianças e jovens, dos quais 13 participaram na I OPLH (foi respondido por 30% dos participantes da I OPLH), e nos revelou que 81% deles preferiam que o formato fosse o mesmo. Que dos 13 participantes, embora 15% tenham se sentido “preocupados” e 38,5%, “nervosos” antes das provas, nenhum declarou não ter gostado de fazer as provas. Suas principais motivações para participar das OPLH eram “ganhar um prêmio” e “saber que sou capaz de usar meu português e conhecimentos sobre o Brasil” (67%); e 75%, sem considerar a OPLH, nunca tinha feito uma prova em português.

Com base nessas informações e na avaliação da comissão organizadora de que o formato havia funcionado, optou-se por mantê-lo com os seguintes ajustes: as provas da primeira fase foram um pouco mais longas; na segunda fase, além da redação, o participante deveria enviar um vídeo de até 3 minutos (inclui-se, assim, a avaliação de sua produção oral e fomenta-se o apoio da família na preparação do material); os recursos para a premiação foram usados para um prêmio de participação – um livro – a todos os participantes (e os apoios extras conseguidos, a prêmios diferenciados para os três primeiros colocados). Inscrições de menores de 9 anos foram aceitas na categoria A, ainda que a prova tenha sido a mesma; e resultou longa e difícil para esta faixa etária – ponto que deve ser ajustado em próximas edições.

A análise das pontuações obtidas na primeira prova da I e II OPLH revelou, ainda, que os participantes nascidos na Espanha obtiveram resultados melhores que os nascidos no Brasil em duas das quatro provas e equivalentes em uma delas (com 0,03 de diferença na média da Cat. A de 2021), como se observa na Tabela 1, a seguir. Isso corrobora a análise inicial dos pressupostos que nortearam a elaboração da prova: ambos os perfis, de nascidos na Espanha e emigrados, poderiam concorrer na mesma categoria, e a concepção da prova se adequa ao perfil de PLH no contexto de línguas irmãs, não privilegiando participantes que tiveram acesso à escolarização no Brasil⁵.

⁵ Esclarece-se que o critério de “local de nascimento” não é absoluto em relação aos anos de residência e escolarização num país ou outro, pois há participantes que viveram em ambos os países. Outro fator que influi nas pontuações é a idade, principalmente na categoria A, em que crianças de 9 anos concorrem com as de 12, e este fator (e, consequentemente, uma maior escolarização, em qualquer língua) pode ter maior impacto que o acesso à escolarização formal em português. Acredita-se, no entanto, que os dados apresentados permitam a análise proposta e sirvam para dissipar a ideia de que participantes nascidos no Brasil teriam, necessariamente, um desempenho melhor no concurso.

Tabela 1. Médias de pontuação nas provas da 1ª fase nas I e II Olimpíadas do Português como Língua de Herança de Barcelona

		I OPLH 2021	II OPLH 2022
Categoria A 9 a 12 anos*	Média geral	83,3	75
	Nascidos no Brasil	82,8	79,2
	Nascidos na Espanha	83,5	71,7
Categoria B 13 a 15 anos	Média geral	80,8	78
	Nascidos no Brasil	71,3	71,6
	Nascidos na Espanha	84,9	85,6

*Exclui-se do cálculo a nota dos participantes com menos de 9 anos.

Fonte: elaboração própria das autoras.

Mais que quantificar resultados, vale dizer que o que torna esta experiência significativa é o entusiasmo com que algumas famílias apoiam a participação das crianças; o fato de as professoras dos projetos locais comentarem a prova após sua realização com os alunos, transformando a experiência numa vivência compartilhada, ampliando seu impacto como oportunidade de aprendizagem ao discutir os textos apresentados e estimulando quem não participou a participar. A cerimônia de premiação organizada pelo Consulado, em setembro de cada ano, também foi um momento especial, acompanhada de lanche com salgados e doces brasileiros e da desapareição fugaz de brigadeiros.

As dificuldades identificadas ao realizar o concurso estão no processo de inscrição, que requereu o envio de formulários assinados pelos responsáveis; no fato de algumas famílias não priorizarem o evento na agenda familiar (um treino ou competição esportiva pode ter maior prioridade); nos recursos limitados para oferecer um prêmio de participação adequado, sendo necessárias parcerias. Na II OPLH, o alcance geográfico dos participantes e número de participantes aumentaram (em parte, pelas inscrições de menores de 9 anos). Esperamos que a constância anual das OPLH continue a criar oportunidades para que essas crianças e jovens usem o português num contexto mais próximo ao acadêmico (algo novo que as OPLH trouxeram para suas vivências) e pratiquem a leitura e a escrita (ou descubram-se capazes de fazê-lo) em sua língua de herança.

3 ZURIQUE (SUÍÇA)

A Suíça, pequeno “país plurilíngue por natureza” (GONÇALVES; VIZENTINI, 2022), divide-se em quatro zonas linguísticas, tendo quatro idiomas oficiais (alemão, francês, italiano e reto-romano). Conta com duas jurisdições consulares brasileiras que se organizam de acordo com as línguas dominantes locais: a jurisdição de Zurique atende 19 cantões de língua alemã, um de língua italiana e o Principado de Liechtenstein, e a jurisdição de Genebra atende os seis cantões francófonos. As duas edições das OPLH foram realizadas em ambas. Como parceiras encarregadas pela organização, elaboração e aplicação das provas, foram chamadas duas das associações brasileiras que atuam no país como escolas complementares para o ensino formal de PLH (VIZENTINI, 2017; 2022) ligadas à escola pública: a Associação Brasileira de Educação e Cultura (ABEC), com sede em Zurique, e a Associação Raízes, com sede em Genebra. Na primeira edição, houve colaboração entre as professoras das duas associações na elaboração das provas, essencialmente as mesmas, porém com algumas adaptações para atender a cada contexto local (de idioma alemão ou francês); na segunda edição, cada jurisdição decidiu por um formato diferente, em comum acordo com as escolas parceiras. Os dados mencionados neste texto, bem como as análises, referem-se apenas à jurisdição de Zurique.

3.1 Primeira edição

A presença, em território helvético, de um número considerável de brasileiros (cerca de 75.800; BRASIL, 2021a) suscitou em nós a expectativa de um grande número de crianças e jovens participantes na competição, o que, porém, não sucedeu. Nosso primeiro desafio foi o de engajar a comunidade. Foram realizadas *lives* e chamadas via redes sociais e *homepages* das associações e consulados (CONSULADO-GERAL DO BRASIL EM ZURIQUE, 2021), além do incentivo por parte das professoras dos cursos de PLH aos alunos. Em Zurique, inscreveram-se 35 candidatos para as duas categorias, o que nos levou a questionar se essas ferramentas de divulgação tinham pouco alcance ou se as crianças e suas famílias não participaram por receio, desinteresse ou desmotivação. O número de inscritos cresceu consideravelmente na última semana, quando, coincidentemente, anunciamos três bons prêmios (doados) aos primeiros colocados.

As provas, aplicadas presencialmente na sede do Consulado-Geral, nos dias 29 de maio e 19 de junho de 2021, com os devidos cuidados e precauções sanitárias pela pandemia de Covid-19, foram elaboradas conforme orientação do MRE: na 1ª fase, no formato múltipla escolha, seguida por seleção de candidatos por nota de corte (60 % de acertos), passando à redação na 2ª fase. As questões não deveriam ter um nível de dificuldade muito grande, por dirigirem-se a um público supostamente heterogêneo em termos de conhecimentos linguísticos-culturais.

De fato, pudemos constatar que o conhecimento da língua portuguesa dos participantes variou bastante, pois, entre os participantes, havia quem tivesse nascido e estudado em escola no Brasil, outros nascidos na Suíça ou em outro país, trazendo conhecimentos adquiridos na família e/ou de curso PLH. Diferentemente das orientações trasladadas a outras jurisdições consulares, em Zurique a dimensão dessa heterogeneidade, entretanto, não fora considerada nem no processo de inscrição, nem nas categorias, pois não foi transmitida à comissão organizadora a possibilidade de trabalhar com subcategorias internas de acordo com os níveis de português, como no caso do Japão. Ao nosso ver, isso tornou a premiação⁶ de certa forma injusta, porque colocou num mesmo grupo participantes com conhecimentos escolares díspares da língua portuguesa (a belíssima redação vencedora da categoria B, por exemplo, foi escrita por jovem que chegara do Brasil há dois anos).

Na elaboração das questões e de seus enunciados, buscamos considerar a diversidade de idiomas com os quais os alunos convivem, bem como seus perfis linguísticos e nos questionamos muito sobre o que exatamente seria possível avaliar. Assim, nosso conceito para a prova foi: apresentar as questões com recursos visuais de apoio, selecionar diferentes gêneros textuais para verificar competência leitora/compreensão de escrita (convite, receita, postal, cordel, cartaz, parlenda, quadrinha, conto, lenda, textos informativos, entre outros) e uma questão de compreensão auditiva. Não houve espaço para uma avaliação da competência oral. Tivemos especial cuidado na seleção de temas que contemplassem elementos culturais e atualidades e priorizamos autores renomados da literatura infanto-juvenil brasileira. Na categoria B, acrescentamos a algumas das questões de compreensão de texto elementos que verificassem conhecimento de ortografia e de concordância nominal e verbal.

Durante a aplicação das provas, observamos o desconhecimento do formato “múltipla escolha” por boa parte dos participantes, o que lhes gerou dúvidas e certo desconforto, sendo necessárias, muitas vezes, breves explicações adicionais durante a prova por parte dos aplicadores. Aqui levantamos a hipótese da interferência dessa dificuldade de entendimento ocasionando erros em determinadas respostas para um mesmo tema que contradiziam o

⁶ Foram premiados três participantes em cada faixa etária, como proposto pelo MRE. Os demais participantes receberam certificados (como em todas as experiências relatadas aqui) e medalhas. A festa da premiação ocorreu na sede do Consulado-Geral, em Zurique, no dia 1 de setembro de 2021.

conhecimento apresentado em respostas anteriores⁷. Um ponto que consideramos desfavorável foi a eliminação de candidatos devido à nota de corte; tivemos três que não passaram para a segunda fase. Vale lembrar que muitos candidatos se deslocaram de regiões distantes da sede do Consulado em Zurique, vindos de diferentes cantões para o evento, o que já deveria ser considerado louvável. Contradizendo o objetivo da OPLH de “promoção da língua”, o impacto da eliminação sobre o esforço dessas famílias poderia acabar contribuindo para a desmotivação para seu aprendizado.

Na segunda fase, a ampla questão da redação “Redija um texto comentando sua relação com a cultura brasileira” foi apresentada com apoio visual, em forma de balões para os vários tópicos possíveis a serem abordados (turismo, família, culinária, festas etc.). Para classificar as 30 redações recebidas, tivemos um novo desafio, pois era necessário escolher apenas três vencedores em cada categoria. Para avaliá-las, elaboramos critérios de pontuação e correção que contemplassem a criatividade, estrutura textual e léxico, com foco menor na ortografia e possíveis empréstimos de elementos da língua majoritária. Não oferecer prêmios de participação a todos parece ter tido repercussão negativa, como indica o relato de uma mãe, cujo filho não quis participar da edição seguinte.

Considerando que a ABEC contava na ocasião com cerca de 20 turmas e aproximadamente 180 alunos, distribuídos por diferentes cidades e cantões da Suíça alemã, foi proposto ao Consulado-Geral de Zurique um novo formato para a segunda edição, em que todos os alunos estariam automaticamente inscritos, sem classificação de primeiros colocados e com os mesmos prêmios a todos os participantes. As melhores redações, bem como trechos interessantes de várias delas seriam selecionados e contemplados com suas leituras na cerimônia de premiação.

3.2 Segunda edição

Para aumentar a participação nesta edição, e pela complexidade do tema proposto pelo MRE a falantes de herança, “Bicentenário da Independência do Brasil”, o formato “provas-redações” foi modificado para três oficinas preparatórias (presenciais) que ocorreram em três semanas do mês de junho de 2022, seguidas de uma prova (para a qual receberam retroalimentação, porém sem nota), de produção artística para os candidatos da nova categoria criada, de 4 a 8 anos, e textual para as categorias A e B. Todos os alunos da ABEC foram automaticamente inscritos. Como na edição anterior, foram feitas chamadas e divulgação via redes sociais (com a ressalva “este ano todos serão campeões”), abrindo gratuitamente essas oficinas para a comunidade – mas não recebemos nenhuma inscrição de “candidatos não alunos”. Com isso, o número de participantes passou de 35 para 160. As oficinas aconteceram durante três aulas (seis horas no total).

Nossos objetivos consistiam em levar crianças e jovens participantes à compreensão dos termos comemoração/independência e reflexão sobre “por que e o que comemorar nesses 200 anos”; ampliar os conhecimentos, questionamentos e hipóteses dos participantes sobre alguns episódios da história do Brasil e seus personagens, cultura brasileira, atualidades e símbolos nacionais; e auxiliar os participantes a elaborar a produção escrita. Para essas oficinas, três professoras da ABEC criaram material que seguia uma linha do tempo, colocando personagens, situações e curiosidades, em textos curtos, vídeos e canções que aproximassem as vivências de nosso público do tema, com leveza e significado, facilitando a compreensão de seu país distante que comemorava 200 anos de independência⁸.

Observamos, nas produções textuais e nas ilustrações dos participantes, construções interessantes e diversidade de estilos, e notamos que alguns pontos e temas trabalhados durante as oficinas foram recorrentes, pareceram agradar ou chamar mais a atenção dos alunos, com alguns dos personagens históricos apresentados recebendo tratamento

⁷ A propósito: um estudo mais aprofundado do desempenho dos candidatos, com seus acertos e enganos, dificuldades em escolha de alternativas similares, falha em leitura de enunciado etc., provavelmente muito acrescentaria à nossa compreensão sobre os falantes de herança.

⁸ Parte desse material pode ser acessado em: <https://padlet.com/paulawidauer1/wyqcx9y0l6fcqzsi>.

especialmente carinhoso. Alguns poucos candidatos desviaram-se do tema proposto, todavia com escritos e ilustrações explicitando amor ao Brasil. Ao compararmos as redações das duas edições das OPLH, percebemos que as de 2022 ficaram mais restritas ao que fora trabalhado nas oficinas, enquanto as redações recebidas em 2021 foram mais originais. Note-se que a participação em 2021 era voluntária e, provavelmente, quem achava estar capacitado a competir se inscreveu. Já a de 2022 esteve atrelada às aulas.

Nos alunos-participantes das oficinas, o interesse também pareceu variar de acordo com incentivo maior ou menor da professora da turma. Não se observou diferença qualitativa significativa em termos ortográfico-morfo-sintáticos entre as produções recebidas em 2021 e 2022. As inadequações percebidas foram da mesma natureza das observadas em nossos cursos, provavelmente em função do contexto plurilíngue dos falantes de PLH: interferência da língua majoritária, tanto na estrutura quanto na ortografia, trocas fonéticas, emprego de maiúsculas nos substantivos, concordância nominal e verbal, empréstimos do léxico etc. O formato “oficina e prova” parece ter tido boa aceitação por grande parte de alunos e professoras, como podemos observar em devolutivas recebidas, que expomos na Figura 1, a seguir:

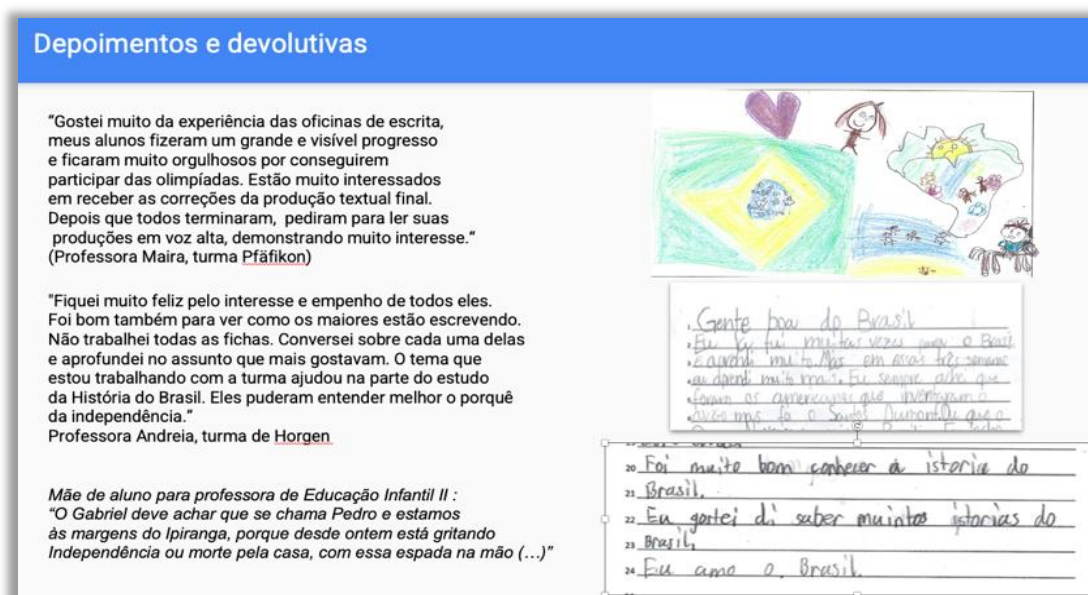


Figura 1. Depoimentos e devolutivas das II OPLH de Zurique.

Fonte: Arquivo da Associação Brasileira de Educação e Cultura (2022).

Destacamos que, na cerimônia de premiação da II OPLH na sede do Consulado-Geral, no dia 3 de setembro de 2022, em que todos os participantes receberam livros doados pelo escritor Paulo Rosa, certificados e medalhas, tivemos uma participação mais numerosa e entusiasmada dos alunos e de suas famílias. As redações e trechos selecionados foram lidos e contemplados com boa receptividade e pudemos observar que as II OPLH foram bem acolhidas e valorizadas por esse público.

No caso de uma próxima edição, levantamos os seguintes pontos para reflexão:

- 1) Alguns participantes estiveram ausentes em uma ou mais aulas-oficina (o que costuma acontecer em outros momentos do curso), ou mesmo no dia da redação (que precisou ser realizada em uma outra aula). Por termos atrelado as oficinas às aulas, também foi necessário adaptar os trabalhos para aqueles que faltaram, o que gerou sobrecarga não prevista para as professoras;

- 2) A queixa de uma mãe, “Não acho certo obrigarem meu filho a participar. No ano passado ele quis, não ganhou e ficou frustrado”, nos mostra que não ficou totalmente claro que as II OPLH não tinham caráter competitivo como no ano anterior e sinaliza que talvez seja mais indicado retornar à participação voluntária. Mais uma vez, levanta-se a questão sobre o impacto que a avaliação e o desafio da escrita provocam em pais e alunos;
- 3) Existe uma dificuldade logística para que as oficinas sejam realizadas aos sábados e integrem um público de não alunos (que não aderiu às II OPLH).

4 NAGOIA (JAPÃO)

No Japão residem cerca de 211.138 brasileiros distribuídos em três jurisdições consulares, sendo 122.448 na jurisdição do Consulado-Geral de Nagoia (BRASIL, 2021a) e, destes, quase metade no estado de Aichi, cerca de dez mil no estado de Shiga e os demais espalhados em todos os estados do Japão. Temos o maior número de escolas brasileiras fora do Brasil, com 40 escolas brasileiras homologadas no país, mas a maioria das crianças e jovens de origem brasileira estuda em escolas japonesas, e 11.956 necessitam de suporte na língua japonesa (JAPÃO, 2021). Para eles, há poucas iniciativas de ensino de PLH e um índice altíssimo de diagnósticos de espectro autista – 6% maior que o de japoneses. Além disso, muitos são considerados duplamente limitados, ou seja, com competências linguísticas desequilibradas (FLORES; MELO-PFEIFER, 2014). Yonaha e Mukai (2017, p. 82) especificam que “não podem comunicar-se de forma satisfatória, nem na língua japonesa, nem na língua materna português”.

Tendo essa situação como realidade, o Projeto Construir ARTEL foi convidado para participar da organização regional da I OPLH de Nagoia. O *International Institute of Education and Culture* (IIEC) e o ABC Japan, respectivamente nas jurisdições consulares de Hamamatsu e Tóquio, assumiram a mesma responsabilidade, e as OPLH de 2021 no Japão se realizaram sob coordenação conjunta dos três Consulados. As mesmas provas foram aplicadas na primeira e segunda fase nas três jurisdições e foi realizada uma terceira prova final nacional no âmbito de todo o país.

Para nós, foi um grande desafio organizar as OPLH, porque entendemos que no Japão a língua e cultura brasileira, que são parte da identidade de nossas crianças, ainda não são respeitadas de modo adequado dados os paradigmas de monolinguismo vigentes na sociedade local. Muitos professores japoneses pedem aos pais para somente usarem a língua japonesa, o que traz desconforto e coloca as crianças em situação de defesa e perda ou diminuição da autoestima, além de impactar na vitalidade e na transmissão do PLH.

Com o desafio de organizar as I OPLH aceito e após discutir detalhes, optamos por manter as categorias propostas pelo MRE, mas nos questionamos muito sobre o formato das avaliações. Assim, levando em consideração que muitas crianças falam mais que escrevem ou escrevem mesmo sem falar português, decidimos pelas seguintes provas, aplicadas nas datas que se indicam: oratória (26/06/2021) e múltipla escolha (17/07/2021), para cada fase regional e classificatórias e, por último, redação para os três primeiros colocados de cada categoria regional, os quais concorreram à fase nacional (em 21/08/2021). Os resultados finais foram divulgados em 2 de setembro do mesmo ano.

Apesar do formato, da estrutura e da avaliação terem sido debatidos entre os membros das comissões organizadoras das três jurisdições, cada uma pôde adaptar-se às condições e situações de seus participantes, por exemplo, para atender a crianças com necessidades especiais ou à disponibilidade de horários dos participantes.

Iniciamos a primeira etapa com a oratória, que pôde ser presencial, por *Zoom* ou pelo envio de vídeos (o que possibilitou que os participantes treinassem e se preparassem). A segunda etapa consistiu em uma única prova de múltipla escolha para todas as categorias, com questões das mais simples a um pouco mais difíceis, mas com o apoio de fotos ou figuras em todas as questões para dar a oportunidade de associação. Essas provas foram regionais e, por meio delas, premiaram-se os três primeiros colocados de cada categoria, a partir da

soma das notas da prova de oratória e múltipla escolha. Seguiu-se a terceira etapa, a fase nacional, com uma prova de redação, da qual só participaram os três melhores classificados de cada jurisdição, havendo depois premiação para o primeiro colocado.

Na II OPLH, buscando atender melhor às diferenças observadas no domínio da língua portuguesa, houve uma mudança nas categorias, subdivididas de acordo com a língua dominante do participante (CONSULADO-GERAL DO BRASIL EM NAGOIA, 2022):

Categoria A-I - Idade: 9 a 12 anos. - Idioma mais utilizado em âmbito familiar: português.
 Categoria A-II - Idade: 9 a 12 anos. - Idioma mais utilizado em âmbito familiar: japonês.
 Categoria B-I - Idade: 13 a 15 anos. - Idioma mais utilizado em âmbito familiar: português.
 Categoria B-II - Idade: 13 a 15 anos. - Idioma mais utilizado em âmbito familiar: japonês.
 (CONSULADO-GERAL DO BRASIL EM NAGOIA, 2022, p. 1).

Nas II OPLH do Japão, as provas de múltipla escolha foram aplicadas primeiro em 28 de maio de 2022, seguidas das provas de redação e oratória, aplicadas na mesma data, 10 de junho de 2022, com publicação dos resultados finais no dia 29 de julho do mesmo ano. Não houve a fase final nacional. Destaca-se, na segunda edição, a colaboração entre as comissões locais ao ajudar na correção das atividades das outras jurisdições (Tabela 2).

Tabela 2. Número de inscritos nas I e II Olimpíadas do Português como Língua de Herança do Japão

Cat.	I OPLH			Cat.	II OPLH		
	Nagoia	Hamamatsu	Tóquio		Nagoia	Hamamatsu	Tóquio
A	33	22	14	AI	6	49	15
				AII	11	37	18
B	7	10	2	BI	7	51	8
				BII	0	42	3
Total	40	32	16	Total	24	179	44

Fonte: elaboração própria das autoras com informações do Consulado-Geral do Brasil em Hamamatsu.

A partir daqui relataremos o processo específico da jurisdição de Nagoia. Tanto na I como na II OPLH, oferecemos oficinas gratuitas preparatórias. Na I OPLH, as oficinas transcorreram de março a agosto de 2021, num total de 16 encontros, frequentados por 21 participantes, e, na segunda, de março a junho de 2022, sempre aos domingos, das 9:00 h às 10:30 h, em 13 encontros frequentados por 17 participantes.

Na I OPLH, como o projeto era uma novidade para todos, muitos pais telefonaram ao Consulado questionando sobre como seriam as provas e as avaliações, preocupados por não saberem o quanto os filhos sabiam do português e como iriam conseguir escrever uma redação se nunca tinham frequentado uma escola brasileira ou estudado português, pois o que sabiam da língua era o que eles tinham ensinado. Para nós, educadoras, também foi um desafio, visto que o público-alvo seriam crianças e jovens com diferentes competências linguísticas e com origens familiares de várias regiões do Brasil.

Para amenizar um pouco os questionamentos das famílias, a coordenação nacional das OPLH decidiu fazer *lives* pelo *Zoom* para esclarecer os objetivos das OPLH e tirar dúvidas, o que foi importante para dar mais visibilidade ao evento. Foi explicado que os testes seriam para avaliar o que os participantes *sabiam*, e não o que *não sabiam*.

Embora o tema para as redações das I OPLH fosse amplo (ver nota 2 deste texto), trouxe muitas emoções e nos mostrou o quanto as crianças tinham aprendido sobre o Brasil através das memórias contadas pelas avós, tias e mães. Os textos transbordavam o sentimento de pertencimento e a oratória também trouxe um pouco desses sentimentos: as falas das crianças e jovens nos tocaram, pois falavam dos seus sonhos de serem jogadores de futebol, voltar para o Brasil e, principalmente, da esperança de um dia ser feliz.

Nas II OPLH, apesar da experiência do ano anterior, nos deparamos com um novo desafio: o de trabalhar o tema “Independência do Brasil”, com crianças e jovens que nunca tinham estudado história do Brasil ou que apenas conheciam o Brasil por fotos ou pela mídia. Para desenvolver essa temática, nas oficinas preparatórias trabalhamos leituras (nas plataformas Elefante Letrado e Árvore de Livros), assistimos a vídeos e utilizamos o aplicativo *Wordwall* para a criação de jogos com palavras. Com a ferramenta *Padlet* criamos a nossa plataforma – a linha do tempo pessoal que norteou a escolha de cada um para desde o início ir se preparando para as provas de oratória ou redação.

Escolhemos o uso das tecnologias educacionais por entender que elas são “ferramentas que apoiam e auxiliam o ensino e aprendizagem dos alunos” (RAMAZOTTI *et al.*, 2022, p. 26) e contribuem para a formação de cidadãos críticos e reflexivos. Dessa forma, o aluno passa a ser responsável pela sua própria aprendizagem, com a mediação adequada do professor, o que favorece que haja a elevação da autoestima dos alunos, vindo ao encontro de um dos principais objetivos do ensino do PLH (RAMAZOTTI *et al.*, 2022).

Somado a isso, acreditamos que as rodas de conversas no início e no final em cada oficina e as pesquisas que as crianças e jovens fizeram no decorrer dos três meses foram extremamente importantes, fortalecendo a confiança, aumentando a autoestima e o pertencimento a um grupo.

Ao longo das oficinas, a participação dos pais foi fundamental, pois estavam presentes e atuavam como fonte de pesquisa simultânea, o que contribuiu no fortalecimento dos laços familiares. Observamos, ainda, que cerca de metade dos participantes das oficinas já eram alunos do Projeto Construir ARTEL, e daqueles que não eram, alguns passaram a frequentá-lo como continuidade às oficinas preparatórias oferecidas nas OPLH. Todos os envolvidos nas OPLH, pais e participantes, tiveram uma percepção positiva da experiência.

Assim, ao nosso ver, o resultado do processo não tem a ver com notas ou classificações, mas, sim, com conhecer outras pessoas, fazer amizades, valorizar o que trouxe de novo e aprofundar os conhecimentos que os participantes já tinham.



Figura 2. Oficinas preparatórias do Projeto Construir ARTEL nas II OPLH. Março de 2022.

Fonte: Acervo pessoal das autoras.

As OPLH trouxeram-nos a esperança de que é possível melhorar a qualidade de vida e das aprendizagens das nossas crianças que, corajosamente, acompanham seus pais pelo mundo. Nesse contexto, ensinar PLH, portanto, vai além de ensinar a escrever letras e palavras. Trata-

se da alegria de descobrir, num novo código, que a escrita é a representação da fala, gerando interesse cada vez maior por conhecer novas palavras (TANAKA; VELDINK, 2022). É, de certo modo, o processo de dar vida a uma nova linguagem escrita de forma contextualizada. Nele, o PLH se transforma numa língua que traz conforto ao coração das crianças para que possam desenvolver todo o seu potencial e serem felizes e aceitas onde quer que estejam.

5 NOVA YORK (EUA)

Nos EUA, a jurisdição consular de Nova York engloba três estados: Nova Jersey, Nova York e Pensilvânia. Trata-se de uma extensa área geográfica que abriga cerca de 450 mil brasileiros, espalhados em diversos pontos da região, e se caracteriza como a maior comunidade brasileira numa jurisdição consular (BRASIL, 2021b). Essa grande concentração de brasileiros, no entanto, não implica a existência de projetos ou iniciativas para a promoção do PLH na região em número proporcional. De fato, algo que caracterizou a organização das OPLH nessa jurisdição foi a dificuldade em estabelecer parcerias com instituições locais que se dediquem, especificamente, a essa causa.

O perfil linguístico dos participantes das OPLH em Nova York indica que o inglês é o carro-chefe da comunicação entre esses participantes, já que crianças e adolescentes frequentam as escolas locais, se escolarizam em inglês e acabam favorecendo essa língua em suas interações. Nesse contexto, vale ressaltar que o português, salvo algumas exceções, não costuma fazer parte do currículo de línguas estrangeiras das escolas locais. Os distritos escolares que oferecem português como disciplina curricular incluem as cidades de Long Branch, Newark e Elizabeth, em Nova Jersey; a escola secundária *Mineola High School*, na área de Long Island, Nova York, e a escola secundária *Bodine High School*, na Filadélfia, Pensilvânia. Além disso, a Organização da Nações Unidas (ONU) oferece português em caráter extracurricular na escola que mantém em Manhattan, que é conhecida como UNIS (*United Nations International School*). De fato, numa jurisdição tão vasta como essa, percebe-se que a oferta de português nas escolas públicas locais atende apenas a uma minoria.

Por sua vez, o português costuma ser o idioma falado em casa com os pais ou com a família no Brasil. Assim sendo, o desempenho linguístico em português dos participantes das OPLH vai depender, em grande parte, da importância dada à língua de herança dentro de casa e nas interações com a comunidade brasileira local – sem o suporte das aulas que projetos comunitários costumam oferecer. Some-se a isso a oportunidade que essas crianças e adolescentes têm – ou não – de visitar o Brasil com frequência.

Desta forma, a primeira edição das OPLH aconteceu em setembro de 2021 e foi fruto de uma parceria entre o Consulado-Geral do Brasil de Nova York e alguns grupos comunitários locais importantes para a comunidade brasileira, a saber: a Mantena Global Care, o Instituto Educacional Brasileiro (IEB), o Grupo Mulheres do Brasil (GMDB) e a Legião da Boa Vontade (LBV). Embora todos os parceiros tenham participado ativamente do planejamento, divulgação, execução e avaliação do projeto, sua atuação não é específica com PLH: a Mantena fornece assistência a famílias de baixa renda na região de Newark, Nova Jersey; o IEB oferece assistência educacional e social a crianças e adultos brasileiros na área de Long Branch, Nova Jersey; o GMDB se dedica ao *networking* e apoio entre mulheres brasileiras; e a LBV fornece assistência social e educacional a comunidades carentes. Apesar de todo o apoio na divulgação e de uma comunidade brasileira numerosa, as OPLH de Nova York tiveram o menor número de participantes entre as experiências registradas neste artigo: 16 nas I OPLH e 23 nas II OPLH.

Durante as reuniões para organizar o concurso e elaborar as provas, constataram-se vários obstáculos. O maior deles foi a pandemia de Covid-19, que impedia a realização de encontros presenciais. Não menos importante, a extensão geográfica da jurisdição consular dificultava o acesso ao Consulado, que fica na ilha de Manhattan. Considerando esses fatores e a complexidade de organizar avaliações pela Internet, ficou decidido que não seria oferecida a modalidade de provas *on-line*. Nesse contexto, decidiu-se avaliar somente a produção oral dos participantes. Cada participante deveria gravar um vídeo em português, com duração de

dois a 5 minutos, de acordo com os temas sugeridos. Com isso, não foi possível avaliar a produção escrita dos concorrentes, mas pôde-se inferir que suas habilidades de leitura e escrita em português são incipientes.

Na primeira edição das OPLH, em 2021, a comissão avaliadora escolheu três temas e pediu que cada participante gravasse um vídeo sobre um dos temas, a saber: festa junina, culinária brasileira e literatura brasileira. Para cada tema foi oferecida uma lista de subtemas como forma de ajudar os participantes a pensarem sobre o assunto. O tema mais popular foi a culinária brasileira (11 vídeos), seguido de literatura (três vídeos).

Na segunda edição do concurso, em setembro de 2022, houve uma mudança na composição da comissão avaliadora, antes formada por representantes das entidades parceiras, e agora formada por cinco professores de português dos ensinos médio e superior nos EUA. Pais, professores e pessoas, designadas como *coaches* (amigos da família, parentes nos EUA ou no Brasil etc.), foram incentivados a ajudar as crianças na gravação do vídeo. Por se tratar do ano do Bicentenário da Independência, escolheu-se um tema único: “Neste ano, comemora-se o Bicentenário da Independência do Brasil. Como o Brasil faz parte da sua história?”

Em ambas as edições foram realizadas cerimônias de encerramento e entrega de prêmios. Em 2021, a cerimônia das I OPLH foi realizada no dia 7 de setembro na sede do Consulado de Nova York, com a presença de todos os participantes, suas famílias e convidados. Foram entregues troféus aos três primeiros colocados, e todos receberam certificados de participação e brindes. Em 2022, houve uma mudança no protocolo de encerramento em virtude do período de defeso eleitoral. Somente puderam participar do encerramento das II OPLH os seis vencedores, acompanhados de seus responsáveis e representantes das entidades patrocinadoras. A cerimônia aconteceu no dia 7 de setembro, no topo do *Empire State Building*, e teve como destaque a iluminação exterior do prédio com as cores do Brasil. Foram entregues troféus aos três primeiros colocados, e todos os participantes receberam certificados de participação por *e-mail*. Após o período de defeso eleitoral, a cerimônia no *Empire State Building* foi divulgada nas redes sociais do Consulado como forma de atrair mais participantes em eventos similares futuros.

Como mencionado anteriormente, na jurisdição consular de Nova York é rara a existência de programas ou projetos de língua de herança que sejam consistentes. Portanto, apesar da grande concentração de brasileiros na região, o engajamento de crianças em concursos como esse se deve quase que exclusivamente ao entusiasmo demonstrado por suas famílias, que se esforçam por manter os vínculos com a língua e a cultura do Brasil. O trecho a seguir, oriundo de correspondência oficial do Posto, reforça esse entendimento e vai além, ao se referir à vida atribulada dos imigrantes nas grandes cidades como parte do desafio de mobilização:

[...] Quando a participação é estritamente voluntária, como é o caso de Nova York, limitado número de famílias se empenha em participar, tendo em conta a rotina pesada de trabalho e de outras demandas. Entre as famílias participantes, percebe-se a dedicação dos pais para garantir aos filhos o aprendizado de português. Como ainda não há escola bilíngue na jurisdição do CGNY, a mobilização permanece um desafio. [...]. (CONSULADO-GERAL DO BRASIL EM NOVA YORK, 2022).

Recentemente, por iniciativa do Consulado de Nova York, foi feito um mapeamento de organizações e professores ligados ao ensino de PLH na respectiva jurisdição. A iniciativa surgiu como corolário do baixo número de inscrições nas OPLH. A ideia é formar uma rede de parceiros que colaborem com o Consulado em projetos para promover a língua portuguesa, em especial o português de herança. É, ainda, um longo caminho, mas as OPLH já fazem parte dessa trajetória, pois servem de elemento que provoca os avanços na estruturação desse coletivo. Consoante as características do contexto de PLH em outras localidades, como Europa e Japão, a tendência seria que se estruturasse numa rede que atuasse de modo colaborativo.



Figura 3. Vencedores das II OPLH 2022 na premiação no *Empire State Building*, iluminado com as cores do Brasil. Da esquerda para a direita: Secretário Thiago Oliveira, Ministro Fernando Sena, Embaixadora Maria Nazareth Farani Azevêdo e crianças premiadas.

Fonte: Acervo pessoal das autoras.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora os dados reunidos neste artigo e análise apresentada contemplem apenas um recorte do que foi a experiência das I e II OPLH, acreditamos que é possível apontar algumas conclusões. Uma, já constatada pelos diversos estudos do campo, é da grande diversidade nos perfis de usuários e conhecimentos da língua, que, no caso brasileiro, se transmite e se ensina muito mais por iniciativa das famílias e de projetos não formais de PLH que como parte do sistema de ensino formal dotado de um currículo. Esses aspectos tornam desafiador elaborar propostas de avaliação, mesmo que para um concurso cultural.

Paralelamente, trazer a ideia da avaliação para esse contexto – afetivo, das relações familiares e de um aprendizado que não é linear ou escolar – de certo modo balança as bases de como a comunidade brasileira de familiares e crianças entendia, até esta experiência, que o PLH poderia ser usado. Avaliar crianças e jovens que usam e aprendem a língua muitas vezes sem o apoio de um professor, ou com apoio, mas sem que avaliações que quantifiquem sua aprendizagem sejam uma prática regular, trouxe, como mínimo, estranhamento – e, talvez, até mesmo receio e resistência em participarem e se verem avaliados nas OPLH.

Por um lado, a experiência das OPLH convida a refletir sobre a possibilidade de novos usos do PLH: também num contexto escrito, mais próximo dos usos acadêmicos (nos formatos de múltipla escolha, redação ou ao quantificar – dar uma nota – para o resultado), o que abre as portas a uma nova realidade a que os participantes podem ter acesso. Por outro, entendemos que esse desdobramento das OPLH não é, neste momento, o que mais desejamos enfatizar ou o mais importante.

As OPLH geraram, principalmente, novas oportunidades e contextos de aprendizagem, seja pela possibilidade de se conhecer mais sobre o Brasil ao ler os textos selecionados para as provas, seja ao conversar com familiares e se preparar para gravar os vídeos de avaliação da parte oral ou ao participar das oficinas preparatórias – uma boa prática de algumas organizações regionais das I OPLH (Nagoia, como expusemos), replicada por outras jurisdições nas II OPLH (Barcelona e Zurique, no nosso caso). Em Nova York, as OPLH

provocaram ainda um mapeamento que deve ajudar a articular os atores de PLH na construção de uma rede – incipiente na jurisdição com o maior número de brasileiros no mundo e, portanto, com grande potencial de impacto para ampliar o trabalho com o PLH.

A escolha do tema “Bicentenário da Independência” pelo MRE nos provocou a trazer informações sobre esse processo histórico nas II OPLH, o qual, provavelmente, não teria sido abordado com a mesma profundidade pelas iniciativas de PLH participantes sem esse direcionamento. Entendemos as OPLH, ainda, como uma oportunidade de validar e dar visibilidade aos conhecimentos dessas crianças e jovens, tanto na entrega de certificados ou medalhas a todos os participantes das jurisdições que compõem este relato como no fato de que é o governo brasileiro que volta seu olhar para eles e seus saberes. Além disso, o registro desses eventos tem sido uma meta do MRE, que vem incentivando sua publicação⁹.

Como desafios, além da resistência sinalizada a uma proposta de “avaliação”, vemos que é necessária a continuidade do projeto, da divulgação e da sensibilização de quais são seus propósitos por aqueles que a realizam, como sinalizamos anteriormente, pois o número de participantes é baixo se comparado ao de crianças e jovens de origem brasileira residentes nesses lugares. Vemos, ainda, que quanto mais velhos os participantes, menos engajamento há, visto que o menor número de inscritos na categoria de 13-15 anos foi uma constante. Por outro lado, a criação da categoria de 4-8 anos por Zurique ou a possibilidade de que menores de 9 anos se inscrevessem em Barcelona revelaram o entusiasmo com que os menores receberam as OPLH, sinalizando que faixas etárias mais novas devem participar, o que serviria para formar este público e promover seu envolvimento assíduo em edições sucessivas do concurso.

Identificamos, ainda, que a categoria de 9-12 anos é muito ampla e a diferença nos saberes de crianças desse grupo é mais diversa, o que pode impactar mais a classificação final que os conhecimentos de português em si. Em relação ao formato, reconhecemos o potencial da aplicação *on-line* ou com envio de material de modo assíncrono (vídeos) como favoráveis a incluir participantes de mais lugares e mais democrática, embora dependa de equipamentos e conexão à Internet. Apostamos, assim, nos formatos híbridos, que permitam tanto a participação presencial como à distância em futuras edições.

Finalmente, sinalizamos a importância e a relevância das oficinas preparatórias em dois aspectos: como preparação para as etapas das OPLH e como espaço que motivou participantes a frequentarem de maneira assídua os projetos regulares de PLH (como relatado em Nagoia). Seria necessário que houvesse recursos financeiros específicos para esta etapa – realizada, até o momento, de modo voluntário ou autofinanciado pelos projetos, sem apoio econômico do MRE, pois os recursos cobrem apenas a elaboração e correção das provas.

Sobre o processo de inscrição nas instituições parceiras locais, a experiência de Zurique de inscrever automaticamente todos os alunos da ABEC se mostrou acertada, porque permitiu a ampliação do número de participantes. No entanto, a inscrição automática e a participação compulsória devam ser revistas para que não se trate de uma imposição, o que pode gerar desconforto e ser contraproducente.

Por último, indicamos que existe uma carência de estudos no que se refere ao processo de avanço na escrita e em sua avaliação entre os falantes de herança. O material colhido nas OPLH certamente seria campo fértil a ser analisado e nos provoca a ampliar as reflexões nesse sentido.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Consulado-Geral do Brasil das jurisdições tratadas neste artigo pela cessão de dados que permitiram sua elaboração e pela oportunidade dada às autoras para

⁹ A jurisdição de Barcelona publicou, como projeto-piloto, um livro com trechos selecionados das redações de todos os participantes (MORONI; PEREIRA, 2023), os quais foram convidados a revisar seus escritos com esse propósito.

que participassem na organização das I e II OPLH. Agradecemos também aos membros de cada comissão organizadora local, às professoras e instituições que apoiaram as oficinas ou a divulgação, principalmente aos que trabalharam em caráter voluntário, e a cada família que se aventurou a participar do projeto.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO E CULTURA (ABEC). Depoimentos e devolutivas recebidas dos participantes e familiares após as I e II Olimpíadas do Português como Língua de Herança, 2022.
- AZEVEDO-GOMES, J. Português como língua de herança em um contexto de línguas românicas: estratégias comunicativas e diretrizes didáticas. *Domínios de Linguagem*, v. 15, n. 3, p. 1-26, 2021.
- BRASIL. Ministério de Relações Exteriores. *Comunidade Brasileira no Exterior*: Estimativas referentes ao ano de 2020. Ministério das Relações Exteriores, 2021a. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/portal-consular/arquivos/ComunidadeBrasileira2020.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2023.
- BRASIL. Ministério de Relações Exteriores. *Panorama da contribuição do Brasil para a difusão do português*. Brasília: FUNAG, 2021b.
- BRASIL. Ministério de Relações Exteriores. *Proposta curricular para o ensino de Português como Língua de Herança*. Brasília: FUNAG, 2020.
- CENTRO CULTURAL DO BRASIL EM BARCELONA/INSTITUTO GUIMARÃES ROSA. *Bastidores das Olimpíadas de Barcelona*. Barcelona, 17 maio 2021. Facebook: Centro Cultural do Brasil em Barcelona/Instituto Guimarães Rosa. Disponível em: <https://www.facebook.com/cbbrasilbarcelona/videos/136946775119916>. Acesso em: 02 jan. 2023.
- CONSULADO-GERAL DO BRASIL EM BARCELONA. Olimpíadas do Português como Língua de Herança. Barcelona, 17 mar. 2021. Facebook: Consulado-Geral do Brasil em Barcelona. Disponível em: <https://www.facebook.com/consbrasbcn/photos/a.941158745899764/4485680711447532/>. Acesso em 31 dez. 2022.
- CONSULADO-GERAL DO BRASIL EM NAGOIA. *Edital Nº. 01/2022*: Olimpíadas do Português como Língua de Herança 2022. Nagoia, 25 fev. 2022. Disponível em: https://www.gov.br/mre/pt-br/consulado-nagoia/nagoia-arquivos/arquivos-educacao/2022_02_25Edital01_2022IIOlimpadasdoPortuguscomoLnguadeHerana.pdf. Acesso em: 26 jan. 2023.
- CONSULADO-GERAL DO BRASIL EM NOVA YORK [Correspondência]. Destinatário: Ministério de Relações Exteriores. Nova York, 13 out. 2022. Língua portuguesa. PLH. II Olimpíadas de Língua de Herança. Relato.
- CONSULADO-GERAL DO BRASIL EM ZURIQUE. Olimpíadas do Português como Língua de Herança. Zurique, 28 abr. 2021. Facebook: Consulado-Geral do Brasil em Zurique. Disponível em: <https://www.facebook.com/profile/100064842544612/search/?q=olimp%C3%ADadas%20de%20português>. Acesso em: 22 jan. 2022.
- CONSELHO DE REPRESENTANTES DE BRASILEIROS NO EXTERIOR (CRBE). CRBE Educação Zoom Meeting: Olimpíadas do Português – CRBE. Faro, 20 abr. 2021. Facebook: CRBE – Conselho de Representantes de Brasileiros no Exterior. Disponível em: <https://www.facebook.com/PaginadoCRBE/videos/649092585913888>. Acesso em: 31 dez. 2022.
- CUMMINS, J. Interdependencia lingüística y desarrollo educativo en los niños bilingües. *Journal for the Study of Education and Development, Infancia y Aprendizaje*, n. 21, p. 37-61, 1983.
- FLORES, C.; MELO-PFEIFER, S. O conceito “Língua de Herança” na perspectiva da Linguística e da Didática de Línguas: considerações pluridisciplinares em torno do perfil linguístico das crianças lusodescendentes na Alemanha. *Domínios da Linguagem*, v. 8, n. 3, p. 55-56, 2014.
- GONÇALVES, M. de L.; VIZENTINI, M. M. A língua portuguesa na Suíça. In: DEL OLMO, F. C.; MELO-PFEIFER, S.; SOUZA, S. *Português língua não materna*: contextos, estatutos e práticas de ensino numa visão crítica. Porto: U. Porto Press, 2022. p. 317-336.
- JAPÃO, 日本語指導が必要な児童生徒の受入状況等に関する調査（令和3年度）. Survey on the Acceptance Status of Children Who Need Japanese Language Instruction, 2021 – 「日本語指導が必要な児童生徒の受入状況等に関する調査（令和3年度）」の結果が確定しました：文部科学省 (mext.go.jp). Acesso em: 26 dez. 2022.

- MORONI, A. Português como língua de herança: o começo de um movimento. In: JENNINGS-WINTERLE, F.; LIMA-HERNANDES, M. C. (Org.). *Português como Língua de Herança: a filosofia do começo, meio e fim*. Nova York: Brasil em Mente, 2015. p. 28-55.
- MORONI, A. Políticas públicas para o Português como Língua de Herança: política linguística ou linguística política? In: LIRA, C.; SOUZA, A. L. O. de; LUPETTI, M. (Org.). *O POLH na Europa – Português como Língua de Herança (volume 3 – Itália)*. Lisboa: Sagarana, 2021. p. 33-44.
- MORONI, A. S.; PEREIRA, V. T. (Org.). *Eu sou um pouco de cada um: narrativas de brasileiras e brasileiros na Espanha*. Barcelona: Consulado-Geral do Brasil em Barcelona, 2023.
- PIIPPO, J. *Línguas maternas no ensino básico: espanhol e português na área metropolitana de Helsínquia*. 2016. 253 f. Tese (Doutorado em Línguas Ibero-Românicas) – Faculdade de Letras da Universidade de Helsínquia, Helsínquia, 2016.
- RAMAZOTTI, K. M. et al. *Boas práticas em educação com uso das TICs*. Mococa, SP: Fabíola Ventavoli/Amazon, 2022.
- RINGHOFER, D.; BOLACIO FILHO, E. S. Língua de herança, adolescência e avaliação. *Revista da ABRALIN*, v. XIX, n. 3, p. 936-949, 2020.
- SUÍÇA. *Quadro de referência para o ensino de língua e cultura de herança*. Zurique: Bildungsdirektion Kanton Zürich, 2013.
- TANAKA, L. M.; VELDINK, P. da P. Contexto, didáticas e práticas de ensino português como língua de herança. In: MARTINS, A. F.; TIMBONI, K.; YONAH, T. Q. (Org.). *Produzindo materiais didáticos em português como língua adicional*. Catu: Bordô-Grená, 2022. p. 162-174.
- VIZENTINI, M. M. O ensino de POLH na ABEC: desenvolvendo um currículo. In: LIRA, C.; SOUZA, A. (Org.). *O POLH na Europa (Português como Língua de Herança) (volume 1)*. JNPAQUET Books LTD, 2017. p. 212-225.
- VIZENTINI, M. M. O ensino de português como língua de herança – relatos de uma escola complementar na Suíça germanófila. In: ALVAREZ, M. L. O. et al. (Org.). *Bilinguismo e línguas de herança: construindo pontes e diálogos entre línguas-culturas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022. p. 289-317.
- YOHANA, T. Q.; MUKAI, Y. Um estudo de caso sobre o Português como Língua de Herança (PLH) nas cidades de Suzuka e Sakai, Japão. *Horizontes de Linguística Aplicada*, ano 16, n. 2, p. 75-100, 2017.

Contribuição dos autores

Andreia Sanchez Moroni foi a responsável por elaborar a seção (1) Introdução e a seção (2) Barcelona (Espanha). Miriam Müller Vizontini escreveu a seção (3) Zurique (Suíça). Luzia Miya Tanaka escreveu a seção (4) Nagoia (Japão). Regina Pierantoni McCarthy escreveu a seção (5) Nova York (EUA). A seção (6) Considerações finais e o Quadro 1 foram elaborados por Andreia Sanchez Moroni a partir de dados gerados por todas as autoras.